

# O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO E O FALAR EM LÍNGUAS: UMA VISÃO DO MOVIMENTO PENTECOSTAL BRASILEIRO

Erico Tadeu Xavier<sup>1</sup>  
Fábio Augusto Darius<sup>2</sup>

## Resumo

O artigo explora o fenômeno do “batismo no Espírito Santo” e da glossolalia (falar em línguas) no contexto do movimento pentecostal brasileiro, especialmente no contexto assembleiano. A pesquisa busca compreender como autores pentecostais apresentam e justificam histórica e teologicamente o dom de línguas. Para isso, o estudo organiza as perspectivas de diversos autores sobre a base doutrinária da glossolalia. O fenômeno é analisado como sinal do batismo no Espírito Santo, como dom espiritual e como elemento missiológico. O artigo conclui que a glossolalia desempenha um papel multifacetado, funcionando como sinal de inclusão espiritual, meio de edificação pessoal e expressão da interação entre o Espírito Santo e os crentes.

**Palavras-chave:** Pentecostalismo Brasileiro; Glossolalia; Espírito Santo

Editor Científico: **Rodrigo Follis e Flavio Prestes Neto**  
Organização Comitê Científico  
Double Blind Review pelo SEER/OJS  
Received: 23/08/2024  
Approved: 05/12/2024

**Como citar:** XAVIER, E. T.; DARIUS, F. A. O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão panorâmica do movimento pentecostal brasileiro. **Kerygma**, Engenheiro Coelho (SP), v. 19, n. 1, p. e1648, 2024. DOI: <https://10.19141/1809-2454.kerygma.v19.n1.pe1648>

---

<sup>1</sup> Doutor em ciência da religião pela Atlantic International University e em teologia pelo South African Theological Seminary. Professor no Seminário Latino-Americano de Teologia da Faculdade Adventista do Paraná (FAP), Ivatuba, PR. E-mail: [etxacademico@gmail.com](mailto:etxacademico@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestre e Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo, RS, área de atuação "Teologia Histórica". Historiador pela Universidade Regional de Blumenau. Professor do Centro Universitário Adventista de São Paulo - UNASP/EC, São Paulo, (Brasil). E-mail: [fabio.darius@unasp.edu.br](mailto:fabio.darius@unasp.edu.br) Orcid id: <https://orcid.org/0000-0001-6877-940X>



# THE BAPTISM IN THE HOLY SPIRIT AND SPEAKING IN TONGUES: A VIEW OF THE BRAZILIAN PENTECOSTAL MOVEMENT

## Abstract

The article explores the phenomenon of the "baptism in the Holy Spirit" and glossolalia (speaking in tongues) within the context of the Brazilian Pentecostal movement, particularly in the Assemblies of God tradition. The research seeks to understand how Pentecostal authors present and justify the gift of tongues from a historical and theological perspective. The study organizes the perspectives of various authors regarding the doctrinal basis of glossolalia. The phenomenon is analyzed as a sign of the baptism in the Holy Spirit, as a spiritual gift, and as a missiological element. The article concludes that glossolalia plays a multifaceted role in Brazilian Pentecostalism, functioning as a sign of spiritual inclusion, a means of personal edification, and an expression of the interaction between the Holy Spirit and believers.

**Keywords:** Brazilian Pentecostalism; Glossolalia; Holy Spirit.

# EL BAUTISMO EN EL ESPÍRITU SANTO Y EL HABLAR EN LENGUAS: UNA VISIÓN DEL MOVIMIENTO PENTECOSTAL BRASILEÑO

## Resumen

El artículo explora el fenómeno del "bautismo en el Espíritu Santo" y la glosolalia (hablar en lenguas) en el contexto del movimiento pentecostal brasileño, especialmente en el ámbito de las Asambleas de Dios. La investigación busca comprender cómo los autores pentecostales presentan y justifican el don de lenguas desde una perspectiva histórica y teológica. El estudio organiza las perspectivas de varios autores sobre la base doctrinal de la glosolalia. El fenómeno se analiza como una señal del bautismo en el Espíritu Santo, como un don espiritual y como un elemento missiológico. El artículo concluye que la glosolalia desempeña un papel multifacético en el pentecostalismo brasileño, funcionando como un signo de inclusión espiritual, un medio de edificación personal y una expresión de la interacción entre el Espíritu Santo y los creyentes.

**Palabras clave:** Pentecostalismo Brasileño; Glosolalia; Espíritu Santo.



## INTRODUÇÃO

O pentecostalismo é um dos movimentos religiosos de maior impacto no cenário cristão brasileiro contemporâneo, destacando-se não apenas pelo crescimento numérico, mas também por suas características teológicas e práticas que moldaram e ainda moldam a religiosidade no Brasil. O movimento surgiu no início do século 20, com raízes no avivamento da Rua Azusa, nos Estados Unidos, e foi influenciado pelos Movimentos de Santidade (Holiness Movement). No Brasil, a chegada de missionários como Gunnar Vingren e Daniel Berg, fundadores das Assembleias de Deus, consolidou a presença pentecostal, que rapidamente se expandiu por todo o território nacional.

No centro da identidade pentecostal, encontra-se a doutrina do batismo no Espírito Santo, frequentemente associada à glossolalia, fenômeno conhecido como o “falar em línguas”. Para eles, o falar em línguas não se limita a uma manifestação emocional ou extática, mas é visto como um dom espiritual dado pelo Espírito Santo, com propósitos que vão desde a edificação pessoal até a demonstração pública da atuação divina. É também entendido por muitos pentecostais como a evidência inicial de uma experiência espiritual única e transformadora, marcando a vida do crente e seu relacionamento com Deus.

Por isso, o falar em línguas tornou-se uma característica central desse movimento, sendo incorporado como parte essencial da doutrina e da prática litúrgica e recebendo amplo incentivo em comunidades pentecostais. Tal fenômeno, porém, é multifacetado, possuindo dimensões teológicas, espirituais e sociais e transcende barreiras denominacionais e culturais.

Este estudo tem como objetivo explorar a relação entre o batismo no Espírito Santo e a glossolalia, com foco na perspectiva do pentecostalismo brasileiro<sup>3</sup>. A pesquisa analisa a base teológica dessa prática, suas implicações na vida comunitária e individual dos fiéis e as

---

<sup>3</sup> Justamente por se tratar de um estudo acerca do pentecostalismo brasileiro, as referências bibliográficas arroladas são todas em português. No entanto, indicamos para o estudo geral sobre o tema as seguintes obras: Hasel, Gerhard F. *Speaking Tongues: Biblical Speaking in Tongues and Contemporary Glossolalia*. Berrien Springs, MI: Adventist Theological Society, 1991; *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Eds. Stanley M. Burgess e Gary B. McGee. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988; *Dictionary of Pentecostal and Charismatic Movements*. Eds. Stanley M. Burgess e Gary B. McGee. Grand Rapids, MI: Zondervan, 1988. 335-341; Dorneles, Vanderlei. *Cristãos em Busca do Êxtase*. Tatuí: Casa Editora Brasileira, 2016; SILVA, Vanderlei Dorneles da. “Eu e o mundo somos um”: a visão pentecostal sobre Deus, o humano e o mundo. *PLURA, Revista de Estudos de Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 240–265, 2024. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/2274>. Acesso em: 4 dez. 2024. Goodman, Felicitas D. “Glossolalia”, *The Encyclopedia of Religion*. Ed. Mircea Eliade. New York: Macmillan, 1987. Vol. 5, p.563-566.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

interpretações doutrinárias que sustentam sua legitimidade. Além disso, busca-se compreender como a glossolalia é vivenciada, interpretada e debatida nas igrejas pentecostais, contribuindo para o fortalecimento de sua identidade espiritual e teológica.

Assim, este artigo oferece uma visão panorâmica do batismo no Espírito Santo e da glossolalia como fenômenos centrais no pentecostalismo brasileiro. A partir de uma abordagem teológica e histórica, procura-se lançar luz sobre os significados atribuídos a essas práticas e sobre o papel que desempenham na construção da espiritualidade e da comunhão entre os fiéis. Em um contexto de pluralidade religiosa e crescente debate sobre as experiências espirituais, este trabalho busca enriquecer a compreensão do pensamento pentecostal brasileiro.

### O FENÔMENO DAS LÍNGUAS

O fenômeno das línguas estranhas já atravessou fronteiras denominacionais, envolvendo tanto grupos protestantes quanto católicos. Alega-se, com frequência, entre pentecostais de vários ramos, que uma pessoa que se torna um cristão nascido de novo e recebe o batismo de fogo do Espírito Santo deveria ser capaz de falar em línguas e que cada cristão deve empenhar-se decididamente para obter tal experiência.

É inclusive entre os pentecostais que esse fenômeno é mais evidente. Cavalcanti (2006, p. 1) afirma que “os pentecostais se proclamam herdeiros da glossolalia apostólica”, considerando que, para eles, o dom de línguas é um aspecto fundamental na vida cristã, pois se algum crente ainda não falou em línguas, é porque não foi batizado no Espírito Santo.

Nessa perspectiva, no contexto pentecostal brasileiro, falar em línguas tem sido considerado uma evidência entendida como uma consequência da conversão pessoal. Esse dom, ou *charisma*, é um estágio de salvação<sup>4</sup> para o crente, e deve ser por ele buscado, já que se acredita que, se o crente não fala em línguas, não foi batizado no Espírito Santo. É como se fosse uma marca institucional das igrejas pentecostais (Cavalcanti, 2006).

Endrueit (1977), ao analisar a expansão do movimento pentecostal em território brasileiro, afirma que

---

<sup>4</sup> De acordo com Cavalcanti (2006, p. 15), “a partir de 1908, ‘todo o movimento pentecostal reivindicava três estágios de salvação’. São eles: conversão, santificação e falar em línguas”.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

Pentecostais estão convencidos de que o seu sucesso no Brasil é resultado do batismo no Espírito Santo evidenciado sobrenaturalmente. Pentecostais referem-se ao batismo no Espírito Santo como o “segundo encontro”, a “segunda bênção”, ou o “recebimento pleno do Espírito Santo”. Este “algo mais”, é chamado de “novo amor”, “poder”, “felicidade”, “redenção de hábitos maus”, “paz” e “saúde”. Estes aspectos associados com o batismo no Espírito Santo exerce uma grande atração de aceitação do pentecostalismo. (Endruweit, 1977, p. 9).

Segundo Alencar (2015, p. 11), “dentre os dons, o ‘falar em línguas’, ou *glossolalia*, é o objeto de maior fascínio e mistério no movimento pentecostal”. Daí ser a glossolalia considerada um fenômeno catalisador de relações simbólicas complexas que se manifestam no Pentecostalismo como uma forma extática de oração, inserida culturalmente, já que, para eles, a manifestação desse dom estabelece um vínculo entre o crente, o Espírito Santo e a igreja. Dessa maneira, o falar em línguas “estranhas” é incentivado entre os pentecostais. Para Nogueira (2009), entre os pentecostais que experimentam a glossolalia, a maioria o faz para se *encaixar* no comportamento deles esperado. Segundo ele, isso se daria não porque traz alegria, liberdade ou bem-estar pessoal, mas como uma forma de cumprir uma obrigação perante a comunidade a que se juntou. Para o pentecostalismo, o falar em línguas é importante em pelo menos três áreas, conforme destacam Menzies e Menzies (2002, p. 161):

- 1) na missiologia, rompendo barreiras raciais, linguísticas e econômicas, conforme se vê amplamente demonstrado no livro de Atos; 2) na escatologia, pois as línguas lembram que toda comunidade cristã, a partir do Pentecostes, vive os “últimos dias” aguardando o glorioso “Dia do Senhor”; e 3) na eclesiologia, onde as línguas são descritas como “sacramento” pentecostal, um sinal visível de uma realidade espiritual, com efeito democrático, pois todos, indistintamente, têm acesso a ele.

Quanto a sua natureza, a glossolalia tem sido apontada por muitos autores pentecostais como sendo um fenômeno não idiomático (ou seja, não relacionado a idioma humano) em linguagem emocional. Spliter (*apud* Cavalcanti, 2006) afirma que não se trata de uma forma de “histeria religiosa”, nem de uma contraposição do emocional contra o racional, mas é algo que vem do interior do crente, que verbaliza o que não se pode dizer em palavras conhecidas, o que ele está sentindo ou vivenciando. Desse modo, não envolveria necessariamente um estado emocional elevado, extático, e os sons emitidos não são entendidos pois expressariam o “inexpressível”.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

No pentecostalismo, o fenômeno ocorre de diferentes maneiras: em forma de canto, de oração, de louvor, de intercessão, de petição ou de mensagem específica a alguém da congregação. É uma língua desconhecida, não humana, a qual expressa os sentimentos e pensamentos daquele que fala, e que somente Deus entende. Considera-se que o Espírito Santo fornece as palavras e o crente apenas participa, ou seja, Deus é o autor das palavras ao mesmo tempo em que é o destinatário, em razão de o homem dirigir a Deus sua fala. O crente que fala em línguas cria, improvisa e vive o êxtase da graça indizível (Cavalcanti, 2006).

Assim, quando o fenômeno da glossolalia é manifestado nas igrejas pentecostais, ele é visto como uma evidência de que a pessoa que fala recebeu o Espírito Santo. Como explica Soares (2020, p. 12), na teologia pentecostal, as “línguas [...] são manifestadas ao ser alguém batizado no Espírito Santo e aparecem no Novo Testamento como um dos dons espirituais, as variedades de línguas”. Sob essa compreensão teológica, o líder da Assembleia de Deus em Parnamirim (RN), Elinaldo Renovato de Lima, afirma que:

O fenômeno pentecostal do falar em línguas (gr. Glossolalia) tem dois aspectos à luz do texto bíblico. O primeiro é o falar em línguas estranhas como evidência do batismo com o Espírito Santo; o segundo é o dom de variedade de línguas. No culto onde há liberdade do Espírito Santo, o falar em línguas estranhas deveria ser algo normal, assim como a profecia, o ensino, o louvor e a adoração a Deus. (Lima, 2020, p. 47).

Sendo considerada normal, a manifestação da glossolalia tem se tornado comum nas igrejas pentecostais, estendendo-se ao movimento carismático católico, que apresenta semelhanças com o pentecostalismo com relação ao efeito e experiência obtidos no Espírito Santo. Ou seja, tanto pentecostais quanto católicos carismáticos creem que é necessário experimentar, ou passar pelos efeitos de ser batizado no Espírito Santo. As diferenças básicas entre o movimento carismático e pentecostal estão na forma como esses efeitos ocorrem no indivíduo e na igreja, sendo que “o movimento carismático é menos dogmático e mais flexível que o movimento pentecostal” (Costa, 2007, p. 594).

Todavia, uma das diferenças que afastam o pentecostalismo do catolicismo, no quesito do batismo com o Espírito Santo, é que,

para os pentecostais, a experiência pentecostal é a redescoberta do cristianismo. Por isso, o pentecostalismo representa a nova Reforma da Igreja, superior a todas as reformas e renovações até agora existentes na história da Igreja (Costa, 2007, p. 594).



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

Confirmando a visão dos pentecostais sobre o pensamento teológico que permeia o batismo com o Espírito Santo, tendo foco no dom de línguas, Soares (2020) escreve o seguinte:

Essa manifestação acompanha a igreja desde os dias apostólicos, mas nunca se tornou tão evidente no pensamento cristão como no século 20 com a explosão dos movimentos pentecostais, o tema despertou o interesse de muitos teólogos até mesmo de convicção não pentecostal. As críticas e as discussões desde então têm contribuído para a construção do pensamento teológico (Soares, 2020, p. 12).

Em vista de que a glossolalia é compreendida entre os pentecostais como um dom do Espírito Santo, derivado do batismo no Espírito Santo, cabe entender e analisar como os pentecostais, principalmente os assembleianos, apresentam essa doutrina em sua teologia. Assim, na sequência, busca-se definir o batismo no Espírito Santo e sua distinção em relação à salvação, sempre dentro da perspectiva teológica pentecostal assembleiana.

### **DEFINIÇÃO PENTECOSTAL ASSEMBLEIANA DE BATISMO NO ESPÍRITO SANTO**

A experiência do batismo com o Espírito Santo tem caracterizado o pentecostalismo, grupo que compreende essa experiência como o cumprimento da promessa bíblica. Segundo Lima, Brandt e Boff (2015, p. 77), o batismo no Espírito Santo é apresentado, no pentecostalismo, “quase como o traço identitário para seus fiéis”.

Ao analisar a doutrina do batismo do Espírito Santo, Sproul (2002) expõe algumas considerações que possibilitam compreender como ela tem se destacado em algumas igrejas pentecostais. Para ele, no movimento pentecostal original, o batismo do Espírito Santo estava vinculado ao conceito de santificação ensinado pelo movimento de Santidade (*Holiness*). Já na teologia pentecostal mais moderna, sobretudo a neopentecostal, se enfatiza a ideia de que a pessoa batizada no Espírito Santo<sup>5</sup> recebe os dons para o ministério. Embora não haja um consenso entre os neopentecostais quanto ao recebimento dos dons, é comum o

---

<sup>5</sup> Existe no movimento pentecostal uma distinção entre ser batizado "pelo" ou "do" Espírito Santo (o que ocorreria por ocasião do renascimento) do batismo "em" ou "com" o Espírito Santo (que normalmente ocorreria depois do renascimento espiritual). De acordo com esse esquema, todos os crentes são batizados "pelo" Espírito, mas nem todos os crentes são batizados "em" ou "com" o Espírito (Sproul, 2002, p. 100).



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

entendimento de que o dom da glossolalia (falar em línguas) é a evidência inicial do batismo com o Espírito Santo.

Na estrutura teológica das Assembleias de Deus, tal batismo é também salientado como uma doutrina essencial, enfatizada no “padrão quádruplo”, ou seja: “Jesus Cristo salva, cura, *batiza no Espírito Santo* e breve voltará” (Soares, 2016, p. 3).

A crença no batismo com o Espírito Santo, para os pentecostais assembleianos, é de que ele é o cumprimento da promessa dada por Cristo. Promessa essa que remonta à profecia de Joel, cerca de setecentos anos antes do Pentecostes: “derramarei o meu Espírito sobre toda a carne” (Jl 2:28-32). João Batista confirma tal promessa em registros nos evangelhos do Novo Testamento (Mt 3:11; Mc 1:8; Lc 3:16; Jo 1:32-33; At 11:16). Jesus, por sua vez, teria confirmado a profecia e estabelecido condições para que ela se cumprisse: “E eis que sobre vós envio a promessa de meu Pai; ficai, porém, na cidade de Jerusalém, até que do alto sejais revestidos de poder” (Lc 24:49), confirmando essa condição em Atos 1:4-8. Assim, para o pentecostalismo de uma forma geral,

Todos os crentes têm o direito e devem ardentemente esperar e diligentemente procurar a promessa do Pai, o batismo do Espírito Santo e do fogo, conforme a ordem do Senhor. Esta foi a experiência normal de todos na Igreja Cristã primitiva. Com ela veio a investidura do poder para a vida e para o serviço, a outorga dos dons e seus usos no ministério (Lc24,49; At 1,4-8; ICor 12,1-31) (Costa, 2007, p. 591).

De acordo com Siqueira (2018, p. 86), os pentecostais assembleianos fazem uso da fraseologia “batismo no Espírito Santo” em analogia a algumas citações bíblicas descritas no livro de Atos, tais como: “cheio do Espírito Santo” (At 2:4; 4:8; 9:17); “receberam o Espírito Santo” (At 8:17); “caiu sobre eles o Espírito Santo” (At 10:44; 11:15) e “veio sobre eles o Espírito Santo” (At 19:6). O autor ainda assevera que: “a predileção pentecostal é o uso da expressão ‘batismo *no* Espírito Santo’ em analogia ao ‘batismo *nas* águas”.

Nessa perspectiva, o pentecostalismo assembleiano se destaca por duas marcas distintas no que diz respeito à doutrina em comento: 1) o batismo no Espírito Santo como capacitação para o serviço é algo distinto da conversão/salvação, tratando-se de uma experiência subsequente à salvação; e 2) a identificação do falar em línguas como evidência física inicial do batismo no Espírito Santo.

Júlio Zabatiero (2006, p. 177) afirma que, “para os pentecostais, [...] esse batismo é sempre e necessariamente evidenciado pelo falar em outras línguas”. Da mesma forma, a



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

experiência pentecostal do Batismo no Espírito Santo é definida por Gilberto (2019, p. 66), como sendo

um revestimento e derramamento de poder do Alto, com a evidência física inicial de línguas estranhas conforme o Espírito Santo concede, pela instrumentalidade do Senhor Jesus, para o ingresso do crente numa vida de mais profunda adoração e eficiente serviço para Deus.

Na Declaração de Fé das Assembleias de Deus, o aspecto do falar em línguas como evidência do batismo no Espírito Santo é enfatizado, sendo considerado que o batismo no Espírito Santo é uma

experiência espiritual que ocorre após ou junto à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em outras línguas. [...] O falar em línguas é a evidência inicial desse batismo, mas somente a evidência inicial, pois há evidência contínua da presença especial do Espírito como o “fruto do Espírito” (Gl 5.22) e a manifestação dos dons (Soares, 2016, p. 165).

O sinal físico do falar em línguas é considerado, portanto, como a evidência de que o crente recebeu de Deus a promessa, tal como se deu em Atos 2:4: “Ficaram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia falar”. Os pentecostais creem que esse “falar em outras línguas” é semelhante ao dom de línguas descrito pelo apóstolo Paulo em I Coríntios 12:4; 10:28, manifestado em uma diversidade do dom, uma das variedades de línguas, ou, ainda, a língua dos anjos.

Conforme destaca Palma (2002, p. 62), a origem do falar em línguas à semelhança de como os discípulos falavam vem da palavra grega *apophthengomai*, utilizada para “discursos sobrenaturalmente inspirados”. Assim sendo, no entendimento assembleiano, o falar em línguas não provém de uma iniciativa humana, mas de um ato divino. Não é um ato leviano, proveniente de capacidade humana, mas um ato divino em sua origem e humano em sua manifestação. E esse ato é confirmado por Lucas, ao descrever que eles falavam “segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2:4).

A Bíblia de Estudo Pentecostal aponta pelo menos três formas de falar em línguas, quais sejam: 1) como manifestação do Espírito numa expressão vocal inspirada; 2) como sinal inicial externo do batismo no Espírito Santo, confirmando de forma física que recebeu o batismo; e 3) línguas como um dom do Espírito, tanto para edificação pessoal quanto para edificação espiritual no culto público, desde que haja interpretação (Stamps, 1995, p. 1631).



Considerando, que o batismo no Espírito Santo no entendimento pentecostal assembleiano apresenta tais peculiaridades, tendo no falar em línguas a evidência principal de sua manifestação, é importante elucidar o ensinamento doutrinário de que esse batismo se distingue da conversão, da salvação em si mesma.

## O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO É DISTINTIVO DA SALVAÇÃO

O batismo do Espírito Santo é percebido pelos pentecostais, em especial os assembleianos, como uma obra especial mediante a qual o Espírito Santo opera no crente com poder para mudar sua vida e seu serviço cristão, preparando-o para o ministério evangélico. Essa obra é distinta e subsequente à obra de regeneração. Ou seja, a experiência do batismo no Espírito Santo se distingue da experiência do novo nascimento, sendo, portanto, posterior a ela (Costa, 2007; Sproul, 2002).

Assim é que, conforme esclarece o já citado teólogo Zabatiero (2006, p. 177), “para os pentecostais, o batismo com o/no Espírito Santo é uma experiência distinta da conversão – por isso muitas vezes é denominada também de ‘segunda bênção’”. Costa (2007, p. 591) explica que “o batismo da água difere do batismo do Espírito Santo”, sendo este último posterior à conversão.

A conversão é considerada, então, a “primeira bênção”, tal como já descrevia o movimento de Santidade. A regeneração é a primeira etapa, a qual é coroada pela recepção do poder do Espírito Santo, uma etapa posterior. Essas etapas ocorrem mediante algumas condições, sendo a principal a obediência, como destaca o autor:

Em primeiro lugar, a conversão precede necessariamente à recepção do Espírito Santo. Assim, há muitos convertidos sem o Espírito Santo. A segunda condição é a obediência. O convertido pode obter o Espírito Santo, por meio da obediência. A obediência pode ser ativa ou passiva. A obediência ativa consiste em se afastar do pecado, que desagrada a Deus. O crente busca esse afastamento, mediante a expiação de Cristo. Ao se purificar pelo sangue de Cristo, o crente passa por gradual santificação. Na medida em que cresce nessa santificação, pode chegar à experiência do batismo do Espírito Santo. Há outros que advogam o processo instantâneo da santificação. Para estes, a obra da graça tem três etapas: regeneração, santificação (purificação do coração) e o batismo do Espírito Santo propriamente dito. A santificação, como parte da regeneração, representa a fase preparatória para o batismo do Espírito Santo. Há pentecostais que reconhecem a atuação do Espírito Santo por meio da *obediência*, mas distinguem a simples presença do Espírito Santo e a sua plenitude (Costa, 2007, p. 592).



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

Esclarecendo a distinção entre o batismo da conversão (nas águas) e o batismo com o Espírito Santo, conforme entendem os pentecostais, Elienai Cabral explica o seguinte:

Batismo com o Espírito Santo não é obra de regeneração. Quando a pessoa se converte recebe nova vida em Cristo, o pecador recebe a operação direta do Espírito em sua vida interior, sendo imediatamente regenerado (2 Co 5:17). Na regeneração o pecador recebe a vida nova pelo Espírito. No batismo com o Espírito Santo, a operação é feita por Jesus, porque é Ele quem batiza e o Espírito opera o poder na nova vida (At 1:8; Lc 24:49). Na regeneração, o crente recebe a habitação do Espírito Santo no seu interior mudando o seu comportamento e os seus conceitos pessoais sobre a vida. Entretanto, o batismo com o Espírito Santo opera na nova vida a concessão de poder para manter a nova vida e para testemunhar de Cristo (At 1:8). Uma coisa é o batismo no corpo de Cristo, que é obra do Espírito; outra coisa é ser batizado com o Espírito, que é obra de Cristo no crente (Cabral, 2018, p. 55).

Queiroz (2020) também afirma que os assembleianos entendem que há diferenças importantes entre o batismo no Espírito Santo e a obra de conversão/regeneração. Para ele, o Espírito Santo já estava nos discípulos, mas ainda necessitavam de algo mais.

Os discípulos já tinham o Espírito Santo com o efeito da regeneração, ou seja, de um novo nascimento. E João ainda registra: “E, havendo dito isso, assoprou sobre eles e disse-lhes: recebei o Espírito Santo” (Jo 20.23). Mas isso não era tudo. Além dessa experiência regeneradora, para que pudessem propagar o Evangelho com seus muitos desafios, imperativo seria que recebessem um revestimento de poder, o que aconteceu no dia de Pentecostes (At 2.1-4). Ocorreu, então, o batismo com Espírito Santo do qual Jesus havia falado. E seu registro dá-nos a indicação do objetivo de sua característica peculiar - o sinal das línguas estranhas: “E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (At 2.4) (Queiroz, 2020, p. 42).

Tal entendimento é confirmado na Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Soares, 2016, p. 166), cujo texto declara que, segundo João 20:22, “quando o Consolador desceu sobre os discípulos no dia de Pentecostes, eles já tinham o Espírito Santo”. Isto é, o Espírito Santo é dado a todo o crente em Jesus no momento da conversão, tendo o poder para regeneração (Ef 1:13-14; Gl 4:6). Contudo, o entendimento assembleiano é de que há necessidade de o crente receber posterior revestimento de poder (At 1:8), que difere da experiência da salvação em Cristo.

Silas Queiroz, secretário da Comissão de Apologética da Assembleia de Deus, enfatiza que o falar em línguas é um sinal meramente inicial de que a pessoa recebeu esse revestimento de poder e está pronta a receber os demais dons espirituais. Para ele, “trata-se



de uma experiência posterior a salvação, daí ter sido muito chamada de *segunda bênção* nos primórdios do pentecostalismo clássico” (Queiroz, 2020, p. 41, grifo nosso). Soares (2020, p. 15) reforça:

Os pentecostais clássicos de reconhecimento internacional como Stanley M. Norton, Roger Stronstad, Donald Johns, entre outros interpretaram a expressão "ser batizado no Espírito Santo" como uma experiência espiritual distinta do crente com o Espírito de Deus e separada da conversão, em que o crente entra em uma nova fase de relação com o Espírito. Essa experiência é acompanhada de um fenômeno, o falar em línguas: "E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (At 2.4); "todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus" (At 10.45, 46); "E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam em línguas e profetizavam" (At. 19.6). É exatamente essa a nossa doutrina assembleiana.

Na doutrina assembleiana, portanto, a distinção entre a conversão/salvação e o recebimento dos dons espirituais/poder/batismo no Espírito Santo é claramente observada, sendo destacada por diversos teólogos.

## A NATUREZA DAS LÍNGUAS: GLOSSOLALIA E XENOLALIA

Quanto à manifestação do dom de línguas entre os pentecostais, é importante que se entenda dois termos: a glossolalia e a xenolalia. A compreensão teológica dos assembleianos para esses fenômenos se diferencia no tempo e no espaço, em virtude de que, enquanto a xenolalia (idioma humano) seria um dom específico, dado aos discípulos no Pentecostes e em ocasiões raras, a glossolalia (língua sobre-humana) se manifestaria entre Deus e o homem, podendo ou não trazer uma mensagem aos demais ouvintes.

### GLOSSOLALIA

O termo técnico "glossolalia" tem origem nas palavras gregas *glossa*, que significa "língua, idioma", e *lalia*, correspondente a "modo de falar (Mt 26:73), "linguagem" (Jo 8:43), sendo esta última um substantivo derivado do verbo grego *lalein*, "falar" (1Co 14:5). Certeau (1980, *apud* Rodrigues, 2019, p. 213) define a glossolalia como "o ato de falar em línguas,



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

língua estranha, língua bárbara, falar extático, ‘neolíngua’, o ato de forjar uma língua como se ela fosse nova ou desconhecida”.

Esse fenômeno é entendido, entre os assembleianos, como sendo a manifestação das línguas estranhas no batismo com o Espírito Santo, bem como das línguas como um dos dons espirituais, sendo comum o uso do termo nos temas pentecostais para designar o “falar em línguas”. Para eles, a glossolalia é a evidência física inicial do batismo no Espírito Santo, mas é também vivida na devoção pessoal, na adoração e no louvor, sendo ainda profética.

Contudo, entendem que os discípulos não utilizavam o dom de línguas para pregar. De acordo com Palma (2002, p. 69), “a pregação foi realizada por Pedro muito brevemente no idioma comumente compreendido, o aramaico. A verbalização deles foi feita para louvar e adorar”. Também Stronstad (2018, p. 15) afirma que “Pedro interpreta o falar em línguas dos discípulos como palavra inspirada de louvor e adoração. Em virtude de sua inspiração profética, os discípulos constituem uma comunidade profética”.

Dessa perspectiva, o dom de línguas é profético, em vista de que o apóstolo Pedro identifica o falar em línguas dos apóstolos no derramamento do Espírito em Pentecostes como manifestações de profecia inspirada (At 2:4, 7), sendo seu conteúdo “as grandezas de Deus” (At 2:11).

Essas línguas, segundo entendem, são línguas celestes e ininteligíveis. Por isso, inspiram louvor e adoração, sendo usadas para transmitir profecias, mas também para aproximar o homem no falar diretamente com Deus, numa linguagem diferenciada.

Segundo os pentecostais assembleianos, a glossolalia pode ser uma linguagem angelical, já que Paulo dá a entender que o crente pode falar em línguas num idioma desconhecido dos seres humanos que não segue regras gramaticais conhecidas. Dentre os estudiosos da glossolalia, há autores que a identificam como a “língua dos anjos” presente em 1 Coríntios 13:1<sup>6</sup>. Cavalcanti (2006, p. 5), explica que “a expressão ‘língua de anjos’ pode ser uma outra forma de se referir à glossolalia não-idiomática”, embora essa expressão seja evidenciada por correntes populares.

Por não ser uma prática verificável racionalmente, como no caso da “xenolalia”, discutida mais abaixo, a glossolalia permanece, entre os pentecostais, como evidência *inicial* do batismo no Espírito Santo. Apesar de esse aspecto promover uma aceitação mais

---

<sup>6</sup> : “ainda que eu fale a língua [...] dos anjos”



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

abrangente entre os membros, ele facilita a falsificação e a imitação das línguas, como se verifica muitas vezes (Pommerening, 2008).

Em um estudo sobre a glossolalia e suas manifestações, Rodrigues (2019, p. 213) afirma que há a possibilidade de que a glossolalia, em alguns casos, possa não se tratar de apenas um idioma humano ou celestial, mas de “um ato de vocalizar, composto por neologismos, onomatopeias, ruídos, e que não porta valor de significação” linguística ou de transmissão de conhecimento.

Dentro dessa possibilidade, considerando, hipoteticamente, que a língua falada pelos pentecostais seja a linguagem de anjos, afirma-se que a vocalização da glossolalia se parece, em certos aspectos, com um idioma, mas sem possuir uma estrutura gramatical e semântica que a sustente como tal. Nogueira (2008, p. 15) deixa claro que “as gravações de falas em línguas e submetidas à criteriosa análise revelaram que poucas (ou nenhuma) apresentam uma estrutura linguística ou gramatical que se assemelhe às linguagens humanas”. Sobre essas falas, Maliska (2008, p. 2) considera que, nesse caso, haveria

uma série de neologismos, assim como um ritmo vocal, que dá fluência e cadência para as vocalizações e que fazem com que ela tenha a aparência de uma língua sem sê-la. [...] A glossolalia não possui aspectos essenciais para tal, ou seja, não há uma semântica, não há uma sintaxe, nem mesmo uma morfologia, apenas um conjunto sonoro, vocalizado dentro de um ritmo cadenciado que conduz os sujeitos.

Ainda que a glossolalia não seja considerada uma linguagem, uma vez que não comunica conteúdos racionalmente, Souza (2006, p. 51) destaca que ela é realizada com órgãos locais e que tem a finalidade de comunicar um conteúdo interior e expressar a condição mais íntima do próprio eu, “inspirada pelo Espírito”. Para ele, embora esteja se utilizando de uma linguagem pré-racional ou pré-conceitual, o glossólalo tem clara consciência de que está se comunicando com Deus.

Embora haja quem acredite que a glossolalia seja uma maximização das faculdades psicolinguísticas adormecidas que todo ser humano possui, como entende Campos (2002, p. 135), para os pentecostais, esses atos são realizados pelo Espírito Santo. Eles não descartam, portanto, que seja sim uma linguagem angelical, mas não se estabelece hierarquias idiomáticas para o falar em línguas.

Pommerening (2008) destaca que a glossolalia é a linguagem mais usada entre os pentecostais, que falam uma língua desconhecida, mas que não apresenta nenhuma



vinculação com idiomas de outros países ou cultura, servindo à edificação pessoal do falante e como um sinal de identificação de que ele recebeu o batismo no Espírito Santo.

Nessa perspectiva, o autor entende que a ação do Espírito Santo está presente no que fala em línguas, independentemente de sua forma de manifestação. Ele afirma:

Quer as línguas faladas pelos pentecostais sejam de homens, de anjos ou mesmo articulações fonéticas produzidas pela capacidade psicolinguística humana ativada pelo Espírito, elas não deixam de ser inspiradas pelo Espírito Santo e, portanto, um sinal visível ou uma marca distintiva de que aquele indivíduo recebeu o batismo no Espírito Santo. O relato fundante da doutrina pentecostal em Atos é claro no sentido de que "todos" foram cheios do Espírito Santo e receberam inspirações *dEle* para que falassem em línguas por eles desconhecidas. Portanto, em nenhuma hipótese se concorda com a relativização da manifestação ou sua diminuição para uma simples habilidade humana ponto todas as três possibilidades elencadas (língua dos homens, dos anjos ou capacidade psicolinguística) são concessões e habilidades advindas do Espírito Santo (2020, p. 28).

O ato de "falar em línguas", independente do clero ou da instituição, ainda valoriza o ministério dos leigos e se torna, também, um rito de inclusão para pessoas antes marginalizadas pela exclusão social. No pentecostalismo, eles têm voz para se expressar, ainda que seja em línguas, e espaço acolhedor para se fazer presentes sem ser discriminados, além de terem possibilidade de se tornar líderes importantes nas igrejas. A dignidade e a valorização pessoal que esse ato "sobrenatural" traz para o pentecostal é de um valor incalculável.

Pommerening conclui dizendo que, uma vez que "existem abusos, falsificação, intoxicação religiosa e ostentação espiritual", a comunidade de crentes que possui o dom do discernimento de espíritos deve se certificar de que a manifestação do dom de línguas na pessoa que fala é proveniente do Espírito Santo, podendo, sob esse discernimento, "rechaçar as manifestações heréticas, antibíblicas e até mesmo diabólicas" (Pommerening, 2020, p. 28).

## **XENOLALIA OU XENOGLOSSIA**

Xenolalia é um termo que se refere à habilidade de uma pessoa falar um idioma que não foi previamente aprendido. O termo tem origem grega: *xenos*, que significa "estrangeiro, estranho", e *lalein*, que significa "falar". Xenoglossia, por sua vez, combina os termos *xenos* + *glossa*, significando falar espontaneamente uma língua, ou línguas, não aprendidas previamente.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

Segundo Cavalcanti (2006), esse termo é uma outra forma de glossolalia relatada entre os pentecostais, definindo a fala miraculosa de um idioma humano, mas não aprendido pelo falante anteriormente. Esse autor ainda distingue os termos glossolalia como sendo uma linguagem não idiomática, sem semelhança com idiomas possíveis, da xenolalia ou xenoglossia, que se referem a linguagens idiomáticas, ou seja, referentes a idiomas ou dialetos existentes na cultura humana.

Araújo (2007) diferencia a glossolalia como sendo uma linguagem com expressão mais íntima da pessoa que fala e se comunica com Deus, ao passo que a xenolalia ou xenoglossolalia representa o aprendizado milagroso de um idioma de outro país ou cultura, com o propósito de evangelizar, como faziam, por exemplo, os irmãos morávios, em sua jornada missionária em outros países.

Conforme expõe o autor, no pentecostalismo, a glossolalia tem se destacado mais que a xenolalia e que outros termos relacionados.

A mais usual entre os pentecostais, é a glossolalia já definida acima, em que o indivíduo fala uma língua também desconhecida, porém, geralmente sem qualquer vinculação com um idioma de outro país ou cultura e que se destina ao que se chama de 'edificação pessoal', ou seja, serve apenas para o próprio indivíduo se identificar como tendo recebido o batismo no Espírito Santo e através disto receber 'poder'. Outros termos empregados para semelhanças deste fenômeno são: *akolalia* (compreender um idioma desconhecido); *echolalia* (repetição inquietante das palavras ditas por outra pessoa); *ermenoglossia* (interpretação de línguas) (Araújo, 2007, p. 332).

Embora alguns pentecostais considerem a xenolalia como um sinal inicial do batismo do Espírito Santo, e a glossolalia não idiomática como um dom do Espírito vivenciado posteriormente, muitos rejeitam relatos de xenolalia, preferindo aceitar apenas a glossolalia como o dom que evidencia o batismo com o Espírito Santo. De acordo com Soares (2020), no início do pentecostalismo moderno, buscava-se o dom da xenolalia com o objetivo de evangelização. Entretanto, essa finalidade foi abandonada após o fortalecimento do movimento da Rua Azusa.

Os pioneiros pentecostais da Rua Azusa pensavam que o dom de línguas fosse xenolalia e por isso esperavam evangelizar rapidamente o mundo com esse recurso. Os precursores do Avivamento da Rua Azusa, como A. B. Simpson e W. B. Godbey entendiam o dom de línguas como uma xenoglossia missionária. Alguns Pais da Igreja chegaram a pensar dessa maneira, como Irineu de Lião em *Contra as Heresias*, no livro V.6.1, e também João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, em *Homilia sobre 1 Coríntios 12.1,2*.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

Pahram defendeu essa ideia a vida inteira, mas a maioria dos pioneiros pentecostais de Azusa Street abandonou rapidamente essa visão de “línguas missionária” (Soares, 2020, p. 18).

Inicialmente, portanto, a xenolalia era considerada pelo movimento pentecostal como um dos componentes da chuva serôdia (“*latter rain*”, ou chuva tardia), que seria derramada sobre os fiéis como o fenômeno de batismo no Espírito Santo e que seria utilizada para evangelizar de forma rápida todos os povos do mundo, já que, para eles, a vinda de Jesus estava muito próxima. Tal ideia surgiu primeiramente em 1895 com W. B. Godbey, um dos líderes dos Movimentos de Santidade. Segundo Araújo, Godbey afirmou que o dom de línguas era

destinado a desempenhar um papel de destaque na evangelização do mundo pagão, e no cumprimento profético dos últimos dias. Todos os missionários nos países pagãos deviam buscar e esperar esse dom, que os capacitaria a pregar fluentemente no vernáculo (2007, p. 922).

Frank W. Sandford, fundador da “Escola Bíblica O Espírito Santo e Nós”, influenciado por Godbey, também entendia dessa maneira, e foi ele quem influenciou Charles Fox Parham (1873-1929), o principal propagador da nova doutrina pentecostal e um dos pioneiros da sistematização da embrionária doutrina pentecostal do batismo no Espírito Santo, no início do século 20.

A compreensão de que a pessoa batizada no Espírito falaria uma língua humana por ele desconhecida foi amplamente defendida por Parham, pois, segundo ele, as línguas teriam caráter missiológico, no sentido de que agora todos os povos poderiam ouvir a pregação do evangelho pela capacitação linguística dada pelo Espírito Santo de forma miraculosa. Parham ainda salientava que todos os crentes que recebessem o batismo no Espírito se tornavam instantaneamente missionários.

Tal compreensão do propósito do dom de línguas como capacitação do crente, em si mesma, não prevaleceu entre os pentecostais, sendo a ideia abandonada por sua ineficiência e pelo fato de não haver texto bíblico que a sustentasse. Embora se reconheça que o batismo no Espírito Santo ofereça uma capacitação especial para o evangelismo e para as missões, passou-se a entender que essa capacitação não poderia se reduzir à xenolalia, uma vez que a proclamação da mensagem abrange necessidades mais amplas que apenas as linguísticas.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

Desse modo, passaram a surgir argumentos contra a plausibilidade da xenolalia. O autor pentecostal Paterson destaca cinco desses argumentos, a saber:

a) a maior parte dos relatos são contados por pessoas predispostas a acreditar neles; b) testemunhas de primeira mão confiáveis são “raras”; c) referências à xenolalia em escritos carismáticos não podem ser tomadas como “evidência cientificamente válida”, mas como ilustrações de “crenças de glossolalia”, algo “folclórico”; d) a testemunha não se refere a uma “tradução que poderia ser esperada se ela realmente conhecesse a língua”; e) a testemunha pode às vezes confundir uma glossolalia não-idiomática com uma língua “natural” – “por exemplo, se uma pessoa pensava que ouvia algumas palavras em japonês, ela tenderia a ouvi-las. Logo, a xenolalia não pode ser considerada seriamente como característica do pentecostalismo. (Paterson *apud* Cavalcanti, 2006, p. 4).

Desse modo, a ideia da xenolalia como capacidade linguística missiológica perdeu forças, sendo substituída pela ideia de evidência inicial do batismo no Espírito Santo, também ensinada por Parham, cujo fenômeno abrangia tanto a xenolalia quanto a glossolalia. Muitos discípulos de Parham seguiram essa doutrina, dentre eles William Seymour (1870-1922), que iniciou o famoso avivamento da Rua Azusa, e que influenciou William Howard Durham (1873-1912), o qual, por conseguinte, influenciou Gunnar Vingren, o missionário fundador das Assembleias de Deus no Brasil, juntamente com Daniel Berg.

A respeito das manifestações de xenolalia e glossolalia no meio pentecostal, em especial no contexto assembleiano, se afirma que

as línguas podem servir como ferramenta evangelística, mas em casos muitos especiais, e o único exemplo, xenolalia, é o próprio Pentecostes: ‘E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu’ (At 2.5) (Soares, 2020, p. 18).

No evento ocorrido em Pentecostes, em que o Espírito desceu no cenáculo, as línguas que foram dadas aos discípulos podem corresponder à xenolalia ou xenoglossia, posto que as pessoas que ali estavam falavam outros idiomas e ouviram os discípulos louvando a Deus e adorando em seus idiomas, entendendo perfeitamente o que estava sendo dito. Eles eram de outras regiões e, sabendo que os discípulos não tinham aprendido aquela língua, se maravilharam com o ocorrido, a tal ponto de lhes chamar a atenção e questionarem o que seria aquilo.

Portanto, nesse caso, os discípulos teriam falado num idioma humano conhecido dos ouvintes, mas desconhecido dos falantes. Sobre esse evento, convém destacar que alguns



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

acabam por defender a ideia de que pode ter ocorrido que os discípulos falaram a língua conhecida por eles, provavelmente o aramaico, e os ouvintes é que milagrosamente compreenderam em seus próprios idiomas, mas isso certamente não passa de especulação sem fundamento.

Sobre o fenômeno de xenolalia ou glossolalia, percebe-se que existe uma controvérsia assembleiana sobre as línguas descritas em Atos 2, em vista do que alguns líderes destacam em suas falas. Nesse sentido, Douglas Baptista, líder da AD no Distrito Federal, se posiciona, afirmando que: “A disputa entre intérpretes está na definição dessas línguas: glossolalia (desconhecidas) ou xenolalia (conhecidas)” (Baptista, 2020, p. 34).

Assumindo que o fenômeno de falar em línguas ocorrido no Pentecostes envolveu a xenolalia e a glossolalia, Menzies (2016, p. 61) afirma que, na hermenêutica pentecostal, se reconhece que o fenômeno é duplo, ou seja, que os discípulos falaram um idioma desconhecido (glossolalia) e a multidão, representada pelas diversas nações, entendeu milagrosamente a glossolalia dos discípulos em suas línguas maternas (xenolalia). Esequias Soares concorda que o fenômeno ocorrido no Pentecostes foi duplo:

Lucas emprega dois termos para “línguas” na narrativa do dia de Pentecostes: *glossa* (vv. 3, 4, 11) e *dialektos* (vv. 6,8). *Glossa* significa “língua” como fala, linguagem, “idioma” e também membro ou órgão físico da boca (Tg 3.5), que aparece metaforicamente no relato de Lucas: “Foram vistas por eles repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles” (v.3). Ao serem cheios do Espírito Santo, os discípulos e as discípulas “começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (v.4). [...] O *dialekto* é a “linguagem” de um país ou região, “idioma, dialeto”. Fora da narrativa do Pentecostes, essa palavra aparece mais quatro vezes no Novo Testamento como idioma (At 1.19; 21.40; 22.2; 26.14) (Soares, 2020, p. 18, 19).

Tendo essa distinção em mente, é possível perceber que o posicionamento do assembleiano é de que o Espírito Santo desceu sobre quase todos, não apenas sobre os discípulos. Essa conclusão se dá porque parte da multidão que estava no cenáculo também é incluída no recebimento do dom de línguas, no sentido de que ouvia e interpretava-as. O autor explica esse entendimento da seguinte maneira:

A exegese das línguas permite os pentecostais clássicos interpretar o falar em línguas como um dom do Espírito e de natureza ininteligível. A palavra “outras” em grego é *heteros*, assim: *lalein heterais glossais* significa “falar em outras línguas”. Segundo o *Dicionário Vine*, o adjetivo *heteros* “expressa uma diferença qualitativa e denota ‘outro’ de tipo diferente”. Lucas está falando



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

de uma língua sobrenatural que só pode ser compreendida por um milagre. Esse milagre é evidenciado pelo contexto da narrativa. A reação dos peregrinos que estavam em Jerusalém para o Dia de Pentecostes corrobora com o pensamento dos pentecostais clássicos. “E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto” (At 2.12, 13). Os peregrinos ficaram admirados com tudo o que viam e ouviam e alguns deles pensaram até que o grupo de Jesus estava embriagado. A pergunta deles (“Que quer isto dizer?”) e a resposta dos escarneadores (“Estão cheios de mosto”) são sinais claros de que “as outras línguas” do Pentecostes não eram idiomas humanos reais. Esses detalhes são evidências robustas de que se trata de línguas ininteligíveis ou extáticas (Soares, 2020, p. 18).

O autor comenta que o termo utilizado na reação dos ouvintes, relatada em Atos 2:6<sup>7</sup>, e no verso 8<sup>8</sup> é *dialektos*. A partir disso, ele distingue a fala dos discípulos e a forma como a multidão os ouvia, entendendo que houve, portanto, dupla atuação do Espírito: nos discípulos, que falaram em línguas (*glossa*) desconhecidas, e nos representantes das 17 nações, que os ouviam, cada um, em sua língua materna (*dialektos*). Para o autor, “Deus capacitou a cada um para que entendesse em sua própria língua, mas a língua que os discípulos falavam era ininteligível” (2020, p. 19).

Em contraponto aos autores acima, Pommerening (2020) afirma que, no Pentecostes, ocorreu a xenolalia, em vista de que, quando o Espírito Santo desceu no cenáculo sobre os discípulos, as pessoas que falavam outras línguas, outros idiomas, ouviam os discípulos louvando e adorando a Deus em seus idiomas, reconhecendo o que estava sendo dito e sabendo que os discípulos não possuíam, anteriormente, conhecimento de suas línguas maternas. Por isso se maravilhavam com o que estava acontecendo, chamando-lhes a atenção e questionando sobre o fato. Dessa maneira, para ele, fica claro que “os discípulos falaram um idioma humano conhecido dos ouvintes, mas desconhecido dos falantes” (Pommerening, 2020, p. 25).

O também assembleiano Silas Queiroz (2020) é outro que afirma que o fenômeno ocorrido no Pentecostes é a xenolalia. Para ele,

O Pensamento teológico pentecostal clássico está firme nessa linha hermenêutica: os batizados no Dia de Pentecostes falaram nos idiomas das nações listadas em Atos 2.9-11. Isso, todavia, não tem caráter prescritivo, uma característica uniforme para todas as experiências do recebimento do

---

<sup>7</sup> cada um os ouvia falar na sua própria língua.

<sup>8</sup> como, pois, os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos?



revestimento de poder mediante o enchimento do Espírito Santo (2020, p. 43).

Contudo, o mesmo autor não descarta ocorrências posteriores da glossolalia. Diz ele:

Aliás, nas ocorrências seguintes, também registradas por Lucas, [...] tanto na casa de Cornélio (At 10.44-48) como em Éfeso (At 19.1-7), as narrativas não incluem que o sinal glossolálico tenha sido manifestado em línguas conhecidas” (Queiroz, 2020, p. 43).

Na tentativa de conciliar xenolalia e glossolalia, Palma (2002, p. 68) afirma que a glossolalia e a xenolalia estão contidas no mesmo termo, já que ambas correspondem a falar em línguas. Para ele, o termo descrito em Atos 2:4 corresponde ao grego *heterais glossais*, que significa “outras línguas”. Assim, o autor entende que a glossolalia pode “ser compreendida como falar em línguas, mas que as línguas podem ser tanto humanas quanto angelicais/celestiais”. Essa visão pode abrir margens para a crença de que a manifestação do Espírito Santo no Pentecostes teria gerado ambas as condições — glossolalia e xenolalia —, pois o relato bíblico mostra que as muitas vozes dos discípulos, falando todos ao mesmo tempo, formaram um vozerio inicialmente incompreensível à distância, mas inteligível para quem estava próximo (cf. At 2.6-8). Milagrosamente, quem se aproximava conseguia ouvir em seu próprio idioma o que cada servo de Deus proclamava!

Considerando esse acontecimento à luz de 1 Coríntios 14.2-4, surge a aparente contradição quando Paulo afirma que “quem fala em outra língua não fala a homens, senão a Deus, visto que ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. [...] O que fala em outra língua a si mesmo se edifica”. Contudo, é preciso observar o contexto. Embora a glossolalia seja um dom congregacional para edificação (1 Co 12.10,30), podem ocorrer situações em que o cristão se dirige ao auditório em línguas não xenolálicas, algo distinto do ocorrido no dia de Pentecostes (1 Co 14.27,28). Além disso, se os crentes falarem o tempo todo em línguas, os descrentes poderão concluir que se trata de loucura (cf. At 2.7-13).

Ao avaliar se as línguas faladas são glossolalia sem sentido ou voltadas para a edificação pessoal e da igreja, verifica-se que muitos teólogos cessacionistas (para os quais os dons teriam cessado no primeiro século) rejeitam a glossolalia. Entretanto, o apóstolo Paulo ressalta que esse é o único dom que edifica aquele que o pratica e, por isso, aconselha: “não proibais falar línguas” (1 Co 14.39). Como saber, então, se a mensagem vem da parte do Espírito para a edificação ou se há conteúdo específico a ser transmitido? Segundo a explicação do próprio



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

Paulo, a natureza das línguas manifestadas no culto é discernida pelo dom de interpretação (1 Co 14.5,13,27,28).

A ocorrência da xenolalia e da glossolalia, portanto, divide opiniões, sendo aceita de modo mais comum, atualmente, a manifestação glossolálica entre os pentecostais, que entendem ser este um sinal, além de um dom.

Nessa perspectiva, tendo em vista dar continuidade ao entendimento assembleiano do dom de línguas, verifica-se o entendimento dos propósitos do fenômeno sob duas perspectivas: 1) como sinal de que o crente está batizado no Espírito Santo e 2) como dom de falar variedades de idiomas ou mesmo línguas desconhecidas.

### **O PROPÓSITO DAS LÍNGUAS COMO SINAL (EVIDÊNCIA) E COMO DOM (VARIEDADE DE LÍNGUAS)**

No contexto da teologia assembleiana, é possível perceber o dom de línguas como tendo propósitos distintos, podendo ser visto como uma evidência e como um dom propriamente dito.

Considerando a narrativa do livro de Atos sobre o Pentecostes, nota-se que foram registrados alguns sinais sobrenaturais que ficaram evidentes durante a descida do Espírito Santo sobre os discípulos: o “som como de um vento” (At 2:2) e as “línguas repartidas, como que de fogo” (At 2:3). Tais sinais foram visivelmente sentidos e visualizados por todos os presentes no cenáculo. Na sequência, os discípulos passaram a falar em línguas.

Na Declaração de Fé das Assembleias de Deus (Soares, 2016, p. 167), é ensinado que estes “eram sinais particulares que não se repetiram posteriormente nos batismos no Espírito Santo subsequentes, pois se tratava de um evento solene e único, que marcou o início de uma dispensação”. Dos fenômenos ocorridos no Pentecostes com a vinda do Espírito Santo, somente o falar em línguas se repetiria em outras ocasiões.

Para Queiroz (2020), o evento ocorrido no Pentecostes foi um sinal específico que deu início à propagação da mensagem cristã.

A peculiar experiência do Dia de Pentecostes diz respeito a um propósito específico: produzir uma profusão de línguas expondo "grandezas de Deus" (At 2.11) para todos os que habitavam em Jerusalém. Tratava-se de um ato inaugural, específico, estratégico, através do qual o Espírito anunciou ao mundo, ali representado, que algo novo e extremamente poderoso e revolucionário estava acontecendo na terra. O mundo seria impactado com



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

aquela mensagem. Assim, para aquela ocasião (como tem se repetido em outras situações extrabíblicas), havia um específico propósito de comunicação de uma mensagem divina para os ouvintes (Queiroz, 2020, p. 43).

O falar em línguas, portanto, serve como um sinal aos infiéis, que, ao ouvirem os crentes falando em línguas, saberão que é por meio desse dom que Deus fala com seus filhos, para eles, as línguas como sinal levam as pessoas a questionar: o que isso quer dizer?, deixando-os prontos para ouvir a exposição da Palavra, tal como ocorreu no dia de Pentecostes. Desse modo, os assembleianos entendem que a evidência do batismo no Espírito Santo, segundo o relato do texto de Atos 2:4, são as línguas estranhas, que o crente fala com e para Deus. Assim,

o falar em línguas estranhas naquele dia foi audível a todos que foram atraídos pelo movimento no cenáculo onde estavam reunidos os discípulos de Cristo (At 2.1-4). Ensinam que o sinal das línguas faladas não se restringiu aquela experiência do Pentecostes em particular. Portanto, o sinal de línguas não é extinguível. Não acontece apenas no recebimento do batismo com o Espírito Santo, mas em continuidade na vida do batizado para sua edificação espiritual. Na visão deles, ao orar em línguas, é o seu espírito que ora, por isso as línguas desconhecidas (estranhas ao que fala) têm um caráter Sobrenatural. São línguas habilitadas pelo Espírito Santo. São línguas que expressam as necessidades espirituais do crente, que o Espírito Santo as expressa diante de Deus, independente das orações feitas na própria língua (Queiroz, 2020, p. 43).

Na doutrina pentecostal, o falar em línguas é considerado, também, como um sinal que evidencia o recebimento do Espírito Santo, a partir do qual os demais dons são recebidos. E o dom de falar em línguas, para eles, pode ser tanto uma evidência da ação do Espírito Santo na pessoa do crente quanto um dom espiritual. A distinção entre glossolalia como evidência ou dom está presente nos estudos de diversos teólogos pentecostais.

Assim sendo, eles afirmam a existência de diferenças entre o dom de línguas como sinal ou evidência (identificando o falar línguas como evidência do batismo no Espírito Santo) e o dom de línguas como dom ou variedade de línguas. Ou seja, para eles, o dom pode ser tanto um sinal como um dom em si mesmo. Teologicamente, ensinam que as línguas do batismo no Espírito Santo e as do dom de variedade de línguas são as mesmas, procedem da mesma fonte, o Espírito Santo, e são ininteligíveis, sendo compreensíveis somente pelo dom de interpretação.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

O entendimento do falar em línguas como um sinal encontra, segundo eles, base no livro de Atos, enquanto o dom de variedade de línguas tem apoio em 1 Coríntios 12-14. Cavalcanti (2006) afirma que, tendo a glossolalia como evidência inicial do batismo no Espírito Santo, as palavras pronunciadas pelo batizado, que antes serviam apenas como sinal, se transformam, gradativamente, em “linguagem” para oração. Assim é que a noção de “evidência” da glossolalia é ligada a Atos (glossolalia idiomática, xenolalia) e a noção de “dom” é relacionada a 1 Coríntios (glossolalia não idiomática, línguas estranhas).

Entretanto, independentemente do reconhecimento da natureza das línguas, os assembleianos entendem que o ato de falar em línguas é a evidência inicial e audível do batismo com o Espírito Santo, conforme ressalta Queiroz (2020). O autor afirma que o dom de variedade de línguas difere do dom de línguas do batismo inicial. Ele diz que o dom de variedade de línguas foi uma promessa de Jesus (cf. Mt 16:17) de revestimento de poder, mas que difere da experiência inicial, a qual representa um sinal, uma evidência física do batismo no Espírito Santo. Contudo, ambas as experiências podem ocorrer na mesma oportunidade, sendo que o crente pode manifestar o sinal vocálico e falar diversas línguas.

No mesmo caminho, Lima (2020) comenta que o dom de variedade de línguas é diferente do dom que evidencia o batismo com o Espírito Santo. Para ele, esse não é um dom dado a quem quer, mas apenas a quem o Espírito Santo queira dar e não é uma capacidade aprendida humanamente. Assim é que, ao falar em línguas, o crente se expressa com palavras que não aprendeu anteriormente, as quais são comunicadas a ele pelo Espírito Santo. Suas palavras não são pensadas ou vocalizadas pela pessoa mesma. As línguas são um milagre vocal, não um milagre mental, a mente é espectadora, não atuante para a fala.

A diferença entre o sinal/evidência e o dom de línguas (idiomas variados) pode ser identificada, segundo Cabral, por três diferenças principais:

Primeiro, a diferença no recebimento: *o sinal de línguas* é a primeira evidência para todos quantos são batizados com o Espírito Santo (At 2.4; 10.46;19.6). Já *o dom de línguas* é um dom específico, determinado pelo Espírito Santo e tem caráter profético e congregacional (1Co 12.11; 14.5). Segundo a diferença no uso das línguas: *com o sinal de línguas*, O que fala não fala aos homens, senão a Deus (1Co 14.2). Com *o dom de línguas*, O que fala, fala a igreja, Sempre acompanhado pelo dom de interpretação de línguas (1Co 14.27,28). Terceiro, a diferença na finalidade: *através do sinal*, o espírito do batizado se dirige a Deus em mistérios e para sua edificação própria. É a oração do espírito interior do crente comungando com Deus (1Co 14.2,4). *O dom de variedade de línguas* se manifesta publicamente na



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

congregação e visa sempre a edificação e à exortação do Senhor a igreja. É a mensagem dirigida à igreja (1Co 14.3,12,28) (Cabral, 2020, p. 9-10).

Nessa perspectiva, o dom de variedade de línguas, ou dom de línguas propriamente dito, é explicado por Cabral (2020) como sendo um dom de caráter congregacional, que o Espírito Santo dá conforme a necessidade da igreja, e que carece de interpretação. É, por assim dizer, um dom para o trabalho, em que o Espírito Santo habilita o crente que fala, ou outro crente, a interpretar as línguas. Sobre o dom de interpretação relacionado ao dom de línguas, o autor comenta:

Não se trata de tradução literal das línguas faladas, mas se trata de uma habilidade espiritual que o Espírito concede ao que interpreta. O espírito e a mente do intérprete são dominados pelo Espírito para transmitir a mensagem recebida daquele que falou em línguas. Portanto, tanto o que fala quanto o que interpreta desconhecem a língua falada porque são línguas espirituais (1Co 14.13-15) (Cabral, 2020, p. 9).

Tendo em vista que, segundo Paulo, o ato de falar em línguas seria para edificação pessoal, requer-se o dom de interpretação das línguas para ter um efeito coletivo. Paulo também aconselha que o dom de línguas seja exercido de forma discreta e particular. Ainda, como sinal de que o crente recebeu o batismo no Espírito Santo, as línguas faladas devem servir para que ele tenha uma mais profunda “compreensão e vivência da fé cristã, caracterizada por elevada consideração pela autoridade da Escritura, uma vida vibrante no Espírito e uma forte militância no ministério” (McGee, 2017, p. 154 *apud* Pommerening, 2020, p. 29).

Pommerening (2020) salienta, a respeito do que Paulo fala acerca do dom de línguas, que este seria sinal para os descrentes, edificação pessoal do que fala e para glorificar a Deus, sendo perceptível sua tendência a considerar a glossolalia como algo sobrenatural indefinível, não inteligível, prevalecendo em sua compreensão o dom como evidência mais do que como dom de variedade de línguas em si. Este é seu pensamento:

No ensino paulino, está contido o dom de variedade de línguas, onde são enfatizadas três coisas: o falar em línguas é dirigido a Deus e não aos homens; ninguém na igreja entende as línguas, se não houver interpretação; e é uma comunicação espiritual que ocorre entre o espírito humano e o Espírito divino, que “pelo Espírito fala em mistérios”, que excedem a compreensão tanto do que fala quanto de quem ouve. Portanto, elas servem para edificação pessoal (1Co 14.4); glorificação a Deus (1Co 14.2); sinal para os descrentes (1Co 14.22); e se equiparam a profecia, quando houver intérprete, identificando, assim, a comunidade de irmãos presentes como



também o portador do dom (1Co 14.5). O falar em outras línguas concedido pelo Espírito Santo proporciona uma ampla variação em suas formas, e servem a uma variada gama de propósitos de edificação. Dentro dessa variedade, Paulo se refere a cânticos espirituais (1Co 14.15; Ef 5.19), momentos de alegria, adoração e louvor; e gemidos inexprimíveis ou inefáveis (Rm 8.26) na oração, ao derramar sentimentos e desejos profundos diante de Deus (Pommerening, 2020, p. 29).

Comentando sobre as três finalidades do dom de variedade de línguas, e corroborando com Pommerening, acima citado, Lima (2020) também afirma que o dom de línguas serve para a edificação da igreja, para a glorificação a Deus e como sinal aos descrentes.

Ele destaca que, na verdade, todos os dons dados pelo Espírito Santo têm a finalidade de edificar a igreja e que os dons do Espírito não são para promoção pessoal. Segundo o texto de 1 Coríntios 14:26, todos os dons servem para contribuir com a igreja: “[quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”. Nesse contexto, o dom de línguas é salientado pelo seu caráter atualizado para o culto a Deus, como afirmam os pentecostais.

O autor comenta que o dom de variedade de línguas tem a finalidade fundamental de

transmitir à Igreja uma mensagem em línguas e, por isso, *precisa de interpretação para que aquela seja edificada*. Essa interpretação é feita pelo dom de interpretação de línguas. Trata-se de um milagre [...] uma língua verdadeira, seja de homens ou de anjos” (Lima, 2020, p. 48).

Porém, Paulo ensina que, se não houver intérprete, o que fala em línguas não se manifeste, fique calado e fale somente consigo mesmo e com Deus (1Co 14:28). Dessa maneira, para a edificação da igreja, o dom de variedade de línguas requer o dom de interpretação em conjunto, quer seja entre duas pessoas, quer seja pela própria pessoa que recebe a capacidade de interpretar o que fala, pelo Espírito Santo (1Co 14:12-13).

A segunda finalidade se destina à glorificação a Deus, com base no relato da ida de Pedro à casa do centurião Cornélio (At 10:46), ocasião em que os judeus ouviram Pedro e os discípulos falando em línguas e magnificando a Deus. Segundo Lima (2020, p. 49), “foi algo sobrenatural que superou todas as barreiras linguísticas, sociais e religiosas”.

Ainda como base bíblica para essa finalidade, Lima aponta Atos 2:11, quando os discípulos, no Pentecostes, falavam das grandezas de Deus. E esse fato é considerado pelo autor como natural, em vista de que Jesus mesmo disse que enviaria o Espírito Santo, e que



tal Espírito o glorificaria e anunciaria o que era dele, isso é, de Jesus (Jo 16:14). Assim, o autor aconselha que se avalie e se busque o dom com o objetivo de adoração:

Se um dom não glorifica a Cristo em sua manifestação, não deve ser considerado proveniente do Espírito Santo. No culto neotestamentário, o falar em línguas deve ser buscado e praticado [...] para que haja edificação dos crentes e glorificação a Deus (Lima, 2020, p. 49).

A terceira finalidade descrita por Lima é o dom de línguas como sinal para os descrentes. Conforme Paulo, em 1 Coríntios 14:22, as línguas são sinais para os infiéis, os descrentes, enquanto as profecias são sinais para os que creem. Para que sirva de sinal, no entanto, deve haver a profecia, ou a interpretação, revelando os segredos do coração do descrente, para que se convença e creia também. Como diz o texto de 1 Coríntios 14:25: “os segredos do seu coração ficarão manifestos e, assim, lançando-se sobre o seu rosto, adorará a Deus, publicando que Deus está verdadeiramente entre vós”.

Como sinal ao descrente, portanto, é imprescindível que o falar em línguas tenha interpretação e que sejam revelados seus segredos íntimos mediante a palavra profética. Conforme Lima (2020, p. 50), ocorrendo isso, “certamente, é de um impacto jamais esperado para o descrente” que, imbuído de temor, será compungido a adorar a Deus e concluir que Deus está no meio dessa igreja.

## CONCLUSÃO

O presente estudo teve como propósito examinar a conexão entre o batismo no Espírito Santo e a glossolalia, considerando o contexto do pentecostalismo brasileiro. Investigou-se os fundamentos teológicos dessa prática, suas repercussões na vida comunitária e individual dos fiéis, bem como as interpretações doutrinárias que conferem legitimidade a esse fenômeno, e fez-se esforço por entender como a glossolalia é praticada, compreendida e debatida nas igrejas pentecostais.

Foi evidenciado que a prática da glossolalia, no contexto pentecostal brasileiro, é incentivada e vista como um sinal distintivo da capacitação espiritual dos crentes. Tal fenômeno possui entendimentos missiológicos, escatológicos e eclesiológicos, reforçando a identidade teológica e espiritual das igrejas pentecostais. Ela é vista como um revestimento de poder para o serviço cristão e uma confirmação física da promessa divina. A teologia



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

pentecostal enfatiza a manifestação inspirada do Espírito Santo, não originada pela iniciativa humana, mas como um ato divino.

É importante ressaltar que o batismo no Espírito Santo, marcado pela manifestação do “falar em línguas”, distingue-se da conversão e regeneração. Enquanto a conversão marca o início da vida cristã, o batismo no Espírito Santo manifesta-se como uma “segunda bênção”, dotando o crente de poder espiritual. A doutrina das Assembleias de Deus confirma o falar em línguas como evidência inicial desse batismo.

Também, a análise da glossolalia e da xenolalia no contexto assembleiano revelou uma compreensão teológica distinta. A glossolalia é interpretada como uma linguagem ininteligível usada para edificação pessoal e adoração, enquanto a xenolalia é reconhecida de forma limitada e específica, que, quando reconhecida, é associada a eventos excepcionais como o Pentecostes. Essa distinção assegura que a glossolalia fortifica a devoção pessoal e comunitária, e a xenolalia, ao menos no início do movimento, reforçava o senso da missão evangelizadora.

Por fim, a manifestação do dom de línguas no contexto assembleiano é compreendida tanto como evidência inicial do batismo no Espírito Santo quanto como um dom de variedade de línguas, cada qual com finalidades distintas, mas complementares. A distinção assegura a relevância e a continuidade da prática pentecostal, reforçando a identidade espiritual e teológica das Assembleias de Deus.

Ademais, é essencial considerar as variações regionais e a evolução histórica do pentecostalismo para uma análise mais abrangente e representativa. Reconhecendo as limitações do presente estudo, sugere-se que investigações futuras explorem a percepção dos fiéis sobre a glossolalia em contextos diversos, bem como os impactos dessa prática na vida diária e no crescimento da comunidade eclesial. Em suma, a persistência e a significância do falar em línguas destacam-se como elementos centrais na vitalidade e na resiliência do movimento pentecostal brasileiro contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, G. **Aspectos da cultura pentecostal brasileira**: origem, influências e desenvolvimento. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Centro de Educação, Filosofia e Teologia, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015. Disponível em: <https://dspace.mackenzie.br/items/0f4123d2-fb23-4173-8900-63df3746f212>. Acesso em: 06 dez. 2024.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

ARAÚJO, I. **Dicionário do movimento pentecostal**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2007.

BAPTISTA, D. Línguas como evidência do batismo no Espírito Santo. **Obreiro Aprovado**, ano 44, n. 91, p. 32-38, 2020.

CABRAL, E. Batizados no Espírito Santo e dispensados de falar em línguas. **Obreiro Aprovado**, ano 41, n. 80, p. 55-56, 2018.

CABRAL, E. Entrevista: A glossolalia no texto bíblico. [Entrevista concedida a] Silas Daniel. **Obreiro Aprovado**, ano 44, n. 91, p. 7-10, 2020.

CAMPOS, B. **Experiencia del Espíritu**: Claves para una interpretación del pentecostalismo. Quito: Consejo Latinoamericano de Iglesias, 2002.

CAVALCANTI, D. Dom de línguas: contraste entre o pentecostalismo e os pais da igreja. **Kerygma**, ano 2, n. 1, p. 1-18, 1. sem. 2006. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/315>. Acesso em: 08 dez. 2024.

COSTA, R. O pentecostalismo e o culto do Divino na atualidade. **Teocomunicação**, v. 37, n. 158, p. 586-600, 2007. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article/view/2736>. Acesso em: 08 dez. 2024.

ENDRUEIT, W. **Movimento carismático**: um estudo exegético e teológico de suas principais características. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1977.

GILBERTO, A. **Verdades pentecostais**: como obter e manter um genuíno avivamento pentecostal nos dias de hoje. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2019.

LIMA, A.; BRANDT, D.; BOFF, C. A experiência do “batismo com o espírito santo” no pentecostalismo. **Teocomunicação**, v. 45, n. 1, p. 72-84, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-6736.2015.1.22331>. Acesso em: 08 dez. 2024.

LIMA, E. R. As línguas como parte do culto cristão. **Obreiro Aprovado**, ano 44, n. 91, p. 47-50, 2020.

MALISKA, M. Polifonia e polirritmia vocal: a glossolalia na constituição subjetiva. **Anais do CELSUL**, p. 1-8, 2008.

MENZIES, W.; MENZIES, R. **No poder do Espírito**: fundamentos da experiência pentecostal. São Paulo: Vida, 2002.

MENZIES, R. **Pentecostes**: essa história é a nossa história. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

NOGUEIRA, S. A glossolalia (falar em línguas) no cristianismo do primeiro século e o fenômeno hoje. Anais do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades. **Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**, Maringá (PR) v. 1, n. 3, 2009.



## O batismo no Espírito Santo e o falar em línguas: uma visão do movimento pentecostal brasileiro

PALMA, A. **O batismo no Espírito Santo e com fogo**: os fundamentos bíblicos e a atualidade da doutrina pentecostal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2002.

POMMERENING, C. **Oralidade e escrita na teologia pentecostal**: acertos, riscos e possibilidades. 2008. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Instituto Ecumenico de Pós-Graduação, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.

POMMERENING, C. Glossolalia e xenolalia: uma análise bíblica e conceitual. **Obreiro Aprovado**, ano 44, n. 91, p. 22-30, 2020.

QUEIROZ, S. O dom de variedade de línguas. **Obreiro Aprovado**, ano 44, n. 91, p. 40-46, 2020.

RODRIGUES, R. R. “Glossolalia intensiva”: abordagem fonoarticulatória em processos criativos da vocalidade nas artes performativas. **Rebento**, n. 10, p. 211-238, 2019. Disponível em: <https://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/358>. Acesso em: 08 dez. 2024.

SIQUEIRA, G. **Revestidos de poder**: uma introdução à teologia pentecostal. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2018.

SOARES, E. (Org.) **Declaração de Fé das Assembleias de Deus**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2016.

SOARES, E. A natureza das línguas. **Obreiro Aprovado**, ano 44, p. 91, p. 12-20, 2020.

SOUZA, J. “**O sinal de Deus**”: a experiência de glossolalia em carismáticos católicos e as transformações identitárias. 2006. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Marcos, São Paulo, 2006.

SPROUL, R. **O mistério do Espírito Santo**: conheça a pessoa e a obra do Espírito Vivo do Deus vivo. São Paulo, SP: Cultura Cristã, 2002.

STAMPS, D (ed.). **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

STRONSTAD, R. **A teologia carismática de Lucas**: trajetórias do Antigo Testamento a Lucas-Atos. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2018.

ZABATIERO, J. (Org.). **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2006. (Curso Vida Nova de Teologia Básica, v. 7).